

## Observação Preliminar sobre o Menon de Platão:

O tema proposto por Menon a Sócrates é se a virtude pode ser ensinada. Sócrates responde que ele certamente não pode ensiná-la, pois nem mesmo sabe o que é a virtude. Menon se apressa em dizer que sabe o que é a virtude e que pode ensiná-la, fornecendo a Sócrates uma lista de várias qualidades virtuosas, mas é encurralado por Sócrates que afirma ter ele apenas transformado o que era singular em plural. A questão é saber se Menon pode enunciar o que é a virtude deixando-a inteira e não dividida em partes como a justiça, a temperança, etc. Instado a dar uma resposta geral à questão de saber o que é que faz com que cada um dos exemplos apresentados possa ser dito um exemplo de virtude, Menon responde enunciando que ela é o desejo do bem. Mas Sócrates contra-argumenta que todos desejam o bem, ninguém jamais deseja o mal, pois, como diz Sócrates, "que outra coisa é a infelicidade senão desejar coisas más e obtê-las?"

Neste ponto ambos concordam em tentar seriamente descobrir o que é a virtude x em sua natureza essencial. Sócrates pensa que tal busca merece ser empreendida porque aqueles que são inspirados como os poetas e os sacerdotes acreditam que não nascemos no mais completo esquecimento nem na mais completa nudez, mas antes que a "alma do homem é imortal. Num momento ela chega ao fim e noutra renasce novamente, mas nunca extingue-se finalmente". Podemos lembrar, se tentarmos arduamente, o que nossas almas conheciam em outras vidas. Mas por isso mesmo, na medida em que todo conhecimento nada mais é que lembrança por parte da alma de suas encarnações passadas, nada pode ser ensinado e a fortiori tampouco a virtude pode ser ensinada. Pressionado por Menon, Sócrates fornece uma prova - no sentido de deixis - de sua afirmação, fazendo com que um dos escravos de Menon, um jovem completamente ignorante, raciocine acerca da duplicação do quadrado por si só sem a menor ajuda de alguém. O jovem escravo foi capaz de fazer isso, diz Sócrates, porque as verdades que sua alma conhecia antes do nascimento ainda existiam nele e puderam com um grande esforço ser lembradas.

Diante disso Sócrates propõe que Menon e ele podem tentar, como o jovem escravo, ter a reminiscência do conhecimento que eles já tiveram em outra existência. A última parte do diálogo é desenvolvida com a demonstração de Sócrates e a concordância relutante de Menon de que a virtude não é ensinada e de que ela não é um conhecimento que possa ser ensinado. Nenhuma outra definição é tentada, mas a conclusão de Sócrates, caracteristicamente platônica e grega, é que se existisse um homem que, além de ser virtuoso, soubesse o que é a virtude e pudesse ensiná-la, esse homem seria entre os homens como uma realidade entre sombras passageiras.

Excertos do Menon - 81c - 86a

Após citar o poeta Píndaro com aprovação, continua Sócrates:

"Assim a alma, uma vez que é imortal e renasceu muitas vezes e viu todas as coisas, tanto aqui como no outro mundo, aprendeu tudo o que é. Portanto, não precisamos ficar surpresos se ela pode lembrar o conhecimento da virtude ou de qualquer coisa que, como vimos, já possuía. Toda a natureza se assemelha e a alma aprendeu tudo, de

modo que quando um homem relembra uma pequena parte do conhecimento - ou, na linguagem ordinária, aprendeu-a - não há razão pela qual não possa encontrar todo o resto, se ele mantiver um coração aberto e não se impacientar com a busca, pois a procura e o aprendizado de fato nada mais são do que reminiscência.

Não devemos, portanto, ser desencaminhados pelos argumentos contenciosos que você citou. (...)

Menon - Que seja, Sócrates. Mas o que queres dizer quando afirmas que nada aprendemos e o que chamamos conhecimento é reminiscência? Podes ensinar-me que é assim?

Sócrates - Acabei de dizer que és malicioso e agora me perguntas se posso ensinar-te, quando afirmei que não existe tal coisa como o ensinamento, apenas reminiscência. Evidentemente queres apanhar-me numa contradição.

Menon - Honestamente não, Sócrates. Não pensava nisso. É apenas hábito. Mas se podes de algum modo mostrar-me (ενδειξασθαι) a verdade do que dissestes, por favor, mostra-o (ενδειξαι)

Sócrates --- Não é fácil, mas ainda assim farei o que puder. Vejo que tens grande número de cativos. Chama um deles, aquele que desejares, e eu o usarei para mostrar (επιδειξωναι) o que me pedes.

Menon --- Certamente. [Dirigindo-se a um jovem escravo] Vem até aqui.

Sócrates --- Ele é grego e fala a nossa língua?

Menon --- Claro que sim, nasceu e criou-se em casa.

Sócrates --- Ouve então com atenção e vê se te parece que ele está aprendendo de mim ou está simplesmente lembrando.

Menon --- Assim farei.

Sócrates --- Agora, jovem, sabes que um quadrado é uma figura como esta?

[Sócrates começa a traçar figuras na areia a seus pés. Aponta para o quadrado ABCD]

Escravo --- Sim.

Sócrates --- Ele tem os quatro lados iguais?

Escravo --- Sim.

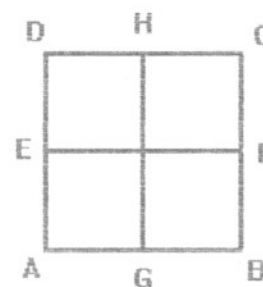
Sócrates --- E estas linhas que passam por seu meio são também iguais? [EF, GH]

Escravo - Sim.

Sócrates --- Tal figura poderia ser maior ou menor, não poderia?

Escravo --- Sim.

Sócrates --- Ora, se este lado tem dois pés de comprimento, e este lado o mesmo, quantos pés terá o todo? Ou, de outro modo, se ela tivesse dois pés nesta direção e apenas um naquela, não deveria ser a área dois pés tomados uma vez?



Escravo --- Sim.

Sócrates --- Mas como ela tem dois pés também nesta direção, não se torna duas vezes dois pés?

Escravo --- Sim.

Sócrates --- E quantos pés são duas vezes dois? Faça a conta e diga-me.

Escravo --- Quatro, Sócrates.

Sócrates --- Não poderíamos agora traçar outra figura com o dobro do tamanho desta, mas similar, isto é, com todos seus lados iguais como esta?

Escravo --- Sim.

Sócrates --- Quantos pés terá sua área?

Escravo - Oito.

Sócrates - Agora então, tenta dizer-me qual o comprimento que cada lado deve ter. A figura atual tem um lado de dois pés. Qual será o lado da figura de tamanho duplo?

Escravo - Será o dobro, Sócrates, obviamente.

Sócrates - Ves, Menon, que eu não lhe ensino nada, apenas pergunto. Ora, ele pensa que sabe o comprimento do lado do quadrado de oito pés.

Menon - Sim.

Sócrates - Mas ele sabe?

Menon - Certamente não.

Sócrates - Ele pensa que esse lado é o dobro do outro.

Menon - Sim.

Sócrates - Observa agora como ele relembra as coisas em ordem - que é o modo apropriado de ter reminiscências.

[Ao escravo] Dissestes que o lado de comprimento duplo produz a figura de tamanho duplo? Como esta, quero dizer. Não tão longa nesta direção e deste comprimento. Ela deve ser igual em todos os lados como a primeira figura, apenas duas vezes seu tamanho, isto é, oito pés. Pensa rapidamente se esperas obtê-la duplicando o lado.

Escravo - Sim, espero.

Sócrates - Bem, então teremos uma linha de comprimento duplo desta [AB], se adicionarmos outra de mesmo comprimento [BJ] nesta extremidade .

Escravo - Sim.

Sócrates - Tracemos então as quatro linhas iguais, usando a primeira como base [AJ, JK, KL, LA]. Isto não nos dá o que chamamos de uma figura de oito pés?

Escravo - Certamente.

Sócrates - Mas ele contém estes quatro quadrados, cada um igual ao quadrado original de quatro pés?

(Sócrates traçou as linhas CM, CN para completar os quadrados que ele deseja apontar)

Escravo - Sim.

Sócrates - Que tamanho ele tem então? Não seria ele quatro vezes maior?

Escravo - Obviamente.

Sócrates - E é quatro vezes o mesmo que duas vezes?

Escravo - Obviamente não.

Sócrates - O que é ela então?

Escravo - O quádruplo.

Sócrates - De modo que duplicar o lado não nos proporcionou uma figura dupla, mas quádrupla?

Escravo - É verdade.

Sócrates - E quatro vezes quatro são dezesseis, não é?

Escravo - Sim.

Sócrates - Então qual é o tamanho do lado da figura de oito pés? Esta nos deu quatro vezes a área original, não foi?

Escravo - Sim.

Sócrates - E um lado com a metade do comprimento nos dá um quadrado de quatro pés?

Escravo - Sim.

Sócrates - E um lado com a metade do comprimento nos dá um quadrado de quatro pés?

Escravo - Sim.

Sócrates - Ótimo. E não é um quadrado de oito pés o dobro deste e a metade daquele de dezesseis?

Escravo - Sim.

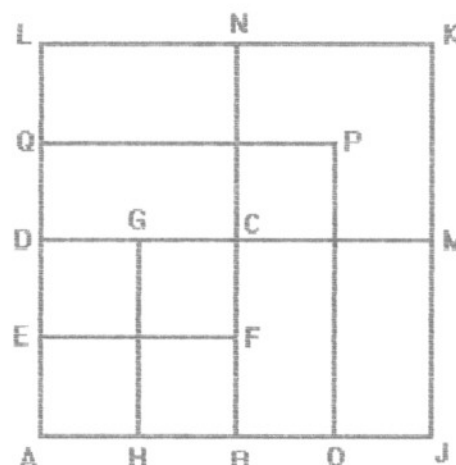
Sócrates - Não terá ele um lado maior do que este, mas menor do que aquele?

Escravo - Penso que sim.

Sócrates - Certo. Responde sempre o que pensas. Agora diz-me. Não tinha este lado o comprimento de dois pés, e este outro quatro?

Escravo - Sim.

Sócrates - Então o lado da figura de oito pés deve ser maior do que dois pés mas menor do que quatro?



Escravo - Deve.

Sócrates - Tenta dizer qual é o comprimento que pensas que ele tem.

Escravo - Três pés.

Sócrates - Se é assim, acrescentando metade desta parte [ BO, metade de BJ ] , fazemos com que tenha três pés? Aqui são dois, e este é um, e deste lado analogamente temos dois mais um, e aqui está a figura que desejas.

[ Sócrates completa o quadrado AOPQ]

Escravo - Sim.

Sócrates - Se ela tem três pés nesta direção e três naquela, não terá a área toda três vezes três pés?

Escravo - Assim parece.

Sócrates - E quanto isso faz?

Escravo - Nove.

Sócrates - Enquanto o quadrado que é o dobro de nosso primeiro quadrado tinha que ter quanto?

Escravo - Oito.

Sócrates - Mas então ainda não obtivemos o quadrado de oito pés a partir de um lado de três pés?

Escravo - Não.

Sócrates - Então qual é o comprimento que ele terá? Tenta dizer-me exatamente. Se não queres calculá-lo, simplesmente mostra no diagrama.

Escravo - Não adianta, Sócrates. Eu não sei.

Sócrates - Observa, Menon, o estágio que ele atingiu no caminho da reminiscência. A princípio ele não sabia o lado do quadrado de oito pés. Nem de fato ele o sabe agora, mas depois ele pensava sabê-lo e respondia abertamente, como era apropriado; não ficava perplexo. Agora, entretanto, está perplexo. Não apenas ele não sabe a resposta; ele nem mesmo pensa sabê-la.

Menon - É verdade.

Sócrates - Não está ele numa posição melhor agora em relação ao que ignorava?

Menon - Admito isso também.

Sócrates - Então, ao deixá-lo perplexo e confuso, fizemos a ele algum mal?

Menon - Penso que não.

Sócrates - De fato, nós o ajudamos em certa medida a encontrar a resposta certa, pois agora não apenas ele ignora a resposta, mas ficará muito feliz em procurá-la. Até aqui, ele pensava que podia falar bem e fluentemente, em muitas ocasiões e diante de grande audiência, acerca da questão de duplicar um quadrado dado, sustentando que ele deve ter um lado do dobro do comprimento.

Menon - Sem dúvida.

Sócrates - Supões então que ele teria tentado procurar, ou aprender, o que ele pensava saber, embora não soubesse, antes de ser atirado na perplexidade, de tornar-se consciente de sua ignorância, e de sentir um desejo de conhecer?

Menon - Não creio, Sócrates.

Sócrates - Então o processo de confusão foi bom para ele?

Menon - Eu concordo.

Sócrates - Percebe agora o que, iniciando a partir desse estado de perplexidade, ele descobrirá ao procurar a verdade em minha companhia, embora eu simplesmente lhe faça questões sem ensiná-lo. Fica atento para apanhar-me se eu lhe der qualquer instrução ou explicação, ao invés de simplesmente interrogá-lo sobre suas próprias opiniões.

[ Sócrates apaga as figuras anteriores e inicia novamente. Dirigindo-se ao escravo]

Sócrates - Responde, rapaz, não é esta nossa figura de quatro pés? [ABCD] Entendes?

Escravo - Sim.

Sócrates - Podemos agora adicionar outra igual a ela como esta? [BCEF]

Escravo - Sim.

Sócrates - E uma terceira aqui, igual a cada uma das outras? [CEGH]

Escravo - Sim.

Sócrates - E então podemos completar esta última no canto? [DCHJ]

Escravo - Sim.

Sócrates - Então aqui temos quatro quadrados iguais?

Escravo - Sim.

Sócrates - E quantas vezes é o tamanho do todo do tamanho do primeiro quadrado?

Escravo - Quatro vezes.

Sócrates - E queremos um que seja o dobro. Lembras?

Escravo - Sim.

Sócrates - Ora, esta linha que vai de canto a canto corta cada um desses quadrados na metade?

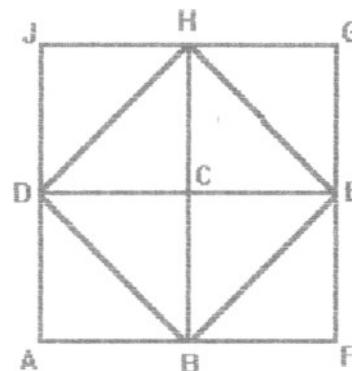
Escravo - Sim.

Sócrates - E estas são quatro linhas iguais encerrando uma área quadrada? [BEHD]

Escravo - São.

Sócrates - Agora pensa. Qual é o tamanho dessa área?

Escravo - Eu não entendi.



Sócrates - Aqui estão quatro quadrados. Cada uma das linhas não cortou pela metade o interior de cada uma delas?

Escravo - Sim.

Sócrates - E quantas de tais metades existem nesta figura? [BEHD]

Escravo - Quatro.

Sócrates - E quantas nesta figura? [ABCD]

Escravo - Duas.

Sócrates - E qual é a razão de quatro para dois?

Escravo - O dobro

Sócrates - Qual é então o tamanho desta figura? [BEHD]

Escravo - Oito Pés.

Sócrates - Sobre qual base?

Escravo - Esta. [ Aponta BD]

Sócrates - A linha que vai de canto a canto do quadrado de quatro pés?

Escravo - Sim.

Sócrates - O nome dado a ela pelos sofistas é "diagonal"; assim, se usamos tal nome, é a diagonal que segundo tu, escravo de Menon, engendra o espaço duplo.

Escravo - Assim é, Sócrates.

Sócrates - O que pensas disto, Menon? Respondeu ele com qualquer opinião ( $\delta\omicron\xi\alpha\nu$ ) que não fosse sua?

Menon - Não, todas eram suas.

Sócrates - Entretanto, ele não sabia, como concordamos há poucos minutos.

Menon - É verdade.

Sócrates - Mas essas opiniões estavam em algum lugar dentro dele, não estavam?

Menon - Sim.

Sócrates - Então um homem que não sabe pode ter dentro de si mesmo opiniões ( $\delta\omicron\xi\alpha\iota$ ) verdadeiras?

Menon - Assim parece.

Sócrates - No momento essas opiniões, tendo sido recentemente despertadas, possuem a qualidade de um sonho. Mas se as mesmas questões forem colocadas para ele em muitas ocasiões e de diferentes maneiras, podes ver que ao final ele terá um conhecimento sobre o assunto tão acurado quanto o de qualquer pessoa.

Menon - Provavelmente.

Sócrates - Esse conhecimento não vem do ensinamento, mas do questionamento. Ele o recuperará por si mesmo.

Menon - Sim.

Sócrates - E a recuperação espontânea do conhecimento que está dentro dele é reminiscência, não é?

Menon - Sim.